

Medicina veterinária de catástrofes

Veterinary medicine of catastrophes

Marcos Vinícius de Souza¹

¹Professor do Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Caratinga – UNEC Diretor Científico da VETFAUNA Especialidades Veterinária. mvscardoso@yahoo.com.br

Palavras-chave: medicina veterinária; catástrofe ambiental; resgate de fauna.

Keywords: veterinary medicine; environmental catástrofe; fauna rescue.

A Medicina Veterinária de Catástrofes ainda é incipiente em nosso país e por este motivo todas as informações geradas a respeito de intervenções pós-catástrofes devem ser publicadas a fim de se mitigar com maior eficiência outras situações de emergência que poderão acontecer. O Brasil também sofre com desastres, sejam eles de origem natural ou ocasionados pelo homem, que afetam tanto o ser humano como os animais de produção, os animais de companhia e a fauna silvestre.

Uma situação de emergência ocasionada por uma catástrofe pode ser definida como qualquer circunstância que provoque danos, alterações ecológicas, sofrimentos, enfermidades e mortalidade a níveis que requerem uma intervenção nas comunidades afetadas. De modo geral estas situações acontecem de forma abrupta advindas de um fenômeno adverso previsível ou não, que requerem ações imediatas para se evitar ou atenuar os efeitos negativos ocasionados.

Em termos gerais e na perspectiva da Saúde Pública Veterinária, pode-se produzir duas situações de emergência e/ou desastres, a saber: (i) emergências e/ou desastres não epidêmicos que podem ser de origem natural ou provocada pelo homem e (ii) emergências e/ou desastres epidêmicos que podem ser de origem acidental ou intencional (bioterrorismo). Também se tem discutido o conceito de desastres mistos resultados de múltiplas situações de perigo que ocorrem praticamente de maneira simultânea. Um exemplo seria o rompimento de uma barragem de rejeitos minerários pode liberar agentes químicos no entorno e além disto, este rejeito pode ocasionar a destruição ao longo de seu percurso e ainda disseminar enfermidades. As emergências e/ou desastres não epidêmicos podem ser ocasionados por ameaças e perigos naturais ou tecnológicos. Entre as ameaças e perigos naturais podemos citar os terremotos, as tormentas, os tornados, as avalanches ocasionadas pelos deslizamentos de terra, intensas chuvas e inundações, incêndios, entre outros. Já as ameaças e perigos tecnológicos são

aqueles provocados pelo homem de forma involuntária ou intencional, dentre os quais podemos citar o rompimento de barragens de rejeitos, derramamento de substâncias tóxicas, explosões químicas, incêndios de grandes proporções, conflitos bélicos, entre outros.

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) as respostas às crises geradas em situações de emergências e/ou catástrofes são constituídas de três fases, a saber: fase de reconhecimento, fase de emergência e fase de restabelecimento. A fase de reconhecimento consiste em realizar a análise de toda a informação disponível do fenômeno ocorrido e suas potenciais consequências. A resposta na fase de emergência está vinculada à disponibilidade e capacidade das forças tarefas (FT) pertinentes. Em primeiro lugar deve se identificar a zona do desastre, as circunstâncias do mesmo e a possibilidade de se implementar uma resposta adequada baseada nos recursos disponíveis. A fase de restabelecimento tem como foco o retorno às atividades normais na zona afetada.

Os desastres são enquadrados em nosso país através da Classificação e Codificação Brasileira de Desastres (COBRADE), desta forma padronizando as suas classificações de acordo com a comunidade internacional dentro de uma proposta definida pela Organização das Nações Unidas (ONU). A COBRADE divide os desastres em duas categorias: naturais e tecnológicos. E dentro destas categorias existem divisões de grupos, subgrupos e subtipos. O Serviço Veterinário Oficial do Brasil (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA) deveria ser o principal responsável e estar preparado para combater as emergências, dispondo de programas de contingência para combater as situações de emergência, salvaguardando a saúde animal e, sobretudo, prevenindo as enfermidades que podem ter implicações para a saúde pública. Nos Estados Unidos da América o Time Nacional de Resposta Veterinária (National Veterinary Response Team - NVRT) é o responsável. A Equipe Veterinária de Resposta Nacional (NVRT) é formada por um grupo de indivíduos locados no Sistema Nacional de Desastres Médicos (National Disaster Medical System - NDMS). Este sistema é constituído por profissionais experientes nas áreas da medicina veterinária, saúde pública e de investigação. Os Profissionais do NVRT são cidadãos comuns que são contratados como funcionários federais intermitentes, ou seja, os mesmos só são ativados em casos de catástrofes. Como funcionários federais intermitentes os mesmos são compensados pelo seu tempo de serviço pelo governo Federal. Um sistema parecido também existe em Cuba e em outros países da América Latina. Infelizmente, o nosso país não dispõe de um Comitê Nacional de Emergências e/ou Catástrofes de forma permanente e dentro dos moldes já consagrados em outras nações.

O cenário ideal seria o Brasil criar um comitê nacional de emergências e catástrofes constituído pelo Serviço Veterinário Oficial, onde estejam representados também os serviços veterinários dos órgãos de saúde pública, meio ambiente e defesa, os laboratórios de diagnóstico, a indústria de medicamentos e as universidades. O papel deste comitê seria a coordenação de esforços para estabelecer os protocolos e ações que visam a restabelecer a ordem. Além deste comitê o Brasil deveria criar uma FT “*ad hoc*” nos moldes do NVRT. A maior parte dos países da América Latina e Caribe possui uma seção de Saúde Pública Veterinária vinculada ao Ministério da Saúde, diferentemente do Brasil onde se encontra ligada ao MAPA.

O médico veterinário é um profissional de suma importância nas operações de socorro, de planejamentos e definição de estratégias nas ocasiões das catástrofes, visto que sua formação lhe permite atuar em áreas únicas e inerentes à profissão: o controle das enfermidades transmissíveis ao ser humano e aos animais, a preservação da saúde das pessoas expostas a riscos de zoonoses pela manipulação e eutanásia de animais e/ou alimentos de origem animal, proteção da saúde ambiental no controle de cães e outros animais domésticos errantes, a eliminação sanitária de animais lesionados ou mortos, o controle na distribuição de alimentos, a inspeção, controle microbiológico e verificação da qualidade de produtos perecíveis. Uma catástrofe requer uma resposta imediata, intensa e especializada que seja executada em um breve e limitado período de tempo. Portanto, o sucesso só será alcançado se esta nação dispuser, antecipadamente, de recursos humanos devidamente capacitados. O papel do médico veterinário é único e insubstituível durante este período de crise. Todos os países devem fazer um maior esforço para fortalecer os seus grupos de veterinários para atuar como forças tarefas ante as emergências, preferencialmente dentro dos serviços veterinários oficiais, considerando também a participação de profissionais autônomos com registro oficial.

As escolas de medicina veterinária deveriam incluir dentro de seus planos de estudo (graduação e pós-graduação) um espaço acadêmico onde seja dado ênfase à prevenção e atenção de emergências. Elas devem ter um caráter interdisciplinar e transdisciplinar de ações voltada para as intervenções. Devemos juntar esforços com o objetivo de criar uma consciência nos novos profissionais e este tema deve contemplar uma participação transversal em outros espaços acadêmicos que se relacionam durante o transcurso da formação. Portanto, nós médicos veterinários devemos estar preparados para salvar os animais afetados nas situações de emergência porque uma catástrofe pode acontecer a qualquer momento e, às vezes, com pouco ou nenhum aviso.